

**Caderno de Leituras n.112**

# **Abrir amores, fechar fronteiras?**

**Brigitte Vasallo**

Tradução

**Fernanda Regaldo**

## **Abrir amores, fechar fronteiras?<sup>1</sup>**

Brigitte Vasallo

Tradução de Fernanda Regaldo

Hoje é dia 14 de fevereiro, dia de São Valentim,<sup>2</sup> e a data pede que falemos sobre o amor. No meu caso, sobre a monogamia e sobre como podemos repensar um sistema amoroso que nos enche de alegria mas que também nos cerca de violências, traições e exclusões. Hoje nos cabe falar de poliamor, de anarquia relacional, de abrir amores e de abri-los de forma bonita.

Nas fronteiras da União Europeia, na Eslovênia, em Ceuta e na ilha de Lesbos chegarão, hoje, dia 14 de fevereiro, milhares de pessoas refugiadas e migrantes que estão fugindo de desastres infinitos, de guerras com bombas e de guerras com aparatos econômicos, de guerras coloniais, ainda hoje, orquestradas por uma comunidade internacional que só atende a interesses estratégicos, econômicos e militares.

Mas hoje o assunto não é esse, o assunto não são as fronteiras, mas o amor. E, no entanto, talvez este seja um bom dia para lembrar as implicações profundas que a afirmação do pessoal como político suscita e para nos perguntarmos até onde chega nosso pensamento crítico sobre o amor. Até onde ousamos levar nossa afirmação enfática

1 [Nota da editora] Originalmente publicado em espanhol na revista online Pikara Magazine em fevereiro de 2016. Disponível em <<https://www.pikaramagazine.com/2016/02/abrir-amores-cerrar-fronteras/>> Acesso em 6 de julho de 2020. Agradecemos à autora pela autorização para a publicação.

2 [Nota da tradutora] Nesta data, em diversos países, é comemorado o “Dia dos Namorados”.

da desconstrução da monogamia e do amor romântico. Que sentido tem, para além de nossas vidas particulares, apostar nossos corações e afetos na construção de outras formas de relacionamento.

### **O pensamento monogâmico**

A monogamia não tem a ver com números, não tem a ver com quantidade. Se a vemos assim, é devido a um erro na antropologia (eurocêntrica e androcêntrica), que a definiu em oposição a outras formas de relacionamento, focando no número de pessoas envolvidas e não nas dinâmicas. A partir dessa premissa, afirmamos que a monogamia envolve duas pessoas e a não-monogamia mais de duas (a menos que essas pessoas sejam muçulmanas, porque nesse caso o nome que damos é outro: chamamos de “poligamia”, e nos parece terrível).

Nessa obsessão com a quantidade, perdemos de vista que a monogamia não é uma prática, mas um marco de referência, o marco monogâmico, e uma forma de pensamento: o pensamento monogâmico que opera, além disso, na esfera privada e na construção coletiva. Um pensamento monogâmico que governa os amores e que governa as fronteiras.

Em toda a constelação de ideias que opera no pensamento monogâmico, há duas que remetem tanto à imensa dificuldade de ter relações sexuais-afetivas múltiplas, quanto ao nosso descuido, como sociedade, com o que definimos como alteridade: entre outras, com as pessoas refugiadas e migrantes: o medo (o terror) da perda e o reflexo defensivo da exclusão.

Construímos casais de forma identitária, com fronteiras fechadas e herméticas. Somos casais, não estamos casais. Essa forma de

construção, sabemos bem, responde também à necessidade de refúgio diante de um mundo impiedoso; do refúgio econômico diante do capitalismo selvagem ao refúgio emocional diante do enorme supermercado de afetos em que vivemos, passando, entre outras coisas, pelo refúgio sexual diante da hipersexualização instrumental de corpos descartáveis e, paralela e paradoxalmente, diante da penalização da sexualidade (o monossexismo, a castração dos desejos não normativos, a punição da experimentação, a vadiofobia...).

E, no entanto, por vivermos tanto em busca de abrigo, acabamos perdendo de vista qual era o perigo do qual estávamos fugindo. Se era a solidão, as relações exclusivas não nos protegem, já que essa mesma exclusividade impõe um regime hierárquico a todas as outras possibilidades de relação, que ficam em segundo plano na melhor das hipóteses. Se era a falta de vínculos, não é a exclusividade que garante o vínculo ou sua duração, mas o próprio compromisso, que pode incluir outros afetos tanto quanto na amizade ou na criação dos filhos. O medo da perda não se resolve fechando-se fronteiras para evitar a chegada da alteridade que nos ameaça, porque as fronteiras são apenas portas corta-fogo que nunca ficam de pé por muito tempo. O medo da perda se resolve apagando o fogo. Desativando a ameaça. Desativando a ideia da alteridade como ameaça.

Afinal de contas, estamos falando de amor, ou estamos falando de Estados?

Estamos falando de vida, da maneira como nos posicionamos na vida, da maneira como o pensamento monogâmico, baseado na exclusividade e na exclusão, nos atravessa inteiramente, do particular, ao grupo, ao comum.

A possibilidade de nos relacionarmos a partir de dinâmicas não-monogâmicas desencadeia o pânico da alteridade. Essa “outra” que vem

roubar nossa tranquilidade, nosso bem-estar, nosso cotidiano, nosso conforto, nossa segurança. Que vem competir conosco e nos tirar a centralidade, o privilégio e o poder que a centralidade nos confere. Que vem nos colocar em perigo. E então revelamos o pior de nós mesmas. Como afirma a cultura popular, no amor como na guerra, tudo vale. E vale tudo: o combate, o ataque, a violência, a autoviolência. Como é possível assassinar sua parceira ou ex-parceira com a desculpa do ciúme? Como é possível assassinar “a outra”? Como é que nos ferimos por amor ou por desamor? Como é que infligimos tanta violência a nós mesmas e como aceitamos tantos maus-tratos sob o pretexto do amor?

Essa “outra” que vem destruir nossas vidas são também as refugiadas e as migrantes. Que vêm atrapalhar nossa tranquilidade, colocar em risco nossa placidez, nossos bons costumes, nossa cultura, nossa identidade, nossa riqueza, nosso Estado de bem-estar social... E nessa guerra, como no amor, vale tudo. A infâmia de confiscar seus objetos de valor, como está acontecendo na Dinamarca (medida a que deveríamos responder imediatamente com um boicote implacável a produtos dinamarqueses), a brutalidade de atirar contra elas enquanto naufragam, como faz o Estado espanhol em suas fronteiras ao Sul, ou de zombar de seus mortos, inclusive de suas crianças mortas, em nome de uma liberdade de expressão que nada mais é que a mesma violência brutal exercida pela mídia, para citar apenas alguns exemplos macabros.

É claro que nem todas matamos nossas amantes e nem todas damos tiros nas fronteiras. Mas o sistema está lá, e o carregamos incrustado em cada parte de nossas vidas. E é um sistema que nos diz que a chegada da “outra” nunca é uma notícia boa, que nunca nos trará novas energias, novos conhecimentos, novos pontos de vista, novos laços, que nunca nos fará melhores, nem mais felizes, nem mais reais, nem mais

luminosas, nem mais alegres. Um sistema que nos diz que a outra não tem direito de existir.

Na Europa da decadência, do capitalismo selvagem, dos mercados como patrões e senhores, da *troika*, da pauperização, dos despejos, da violência em todos os níveis contra uma população que está cada vez mais na corda bamba, da cultura hipster das coisas requeentadas e vintage, já paramos para pensar quantas possibilidades de resistência contra a brutalidade do mundo essas refugiadas carregam consigo? Quantas alianças estamos perdendo? Quantas possibilidades de criar laços estamos desperdiçando, para hoje e para os próximos séculos? Quando vislumbramos, horrorizadas, também o epistemicídio perpetrado no que hoje chamamos de América, todas as formas de conhecimento que se perderam, que exterminamos, junto com as vidas e as memórias dessas vidas, estamos conscientes do que estamos dizendo, em termos de pensamento, de conhecimento, de cultura, quando dizemos Síria? Mesmo quando dizemos apenas Síria, será que entendemos a dimensão do que estamos dizendo?

6

### **Romper a monogamia das fronteiras**

Romper a monogamia é, principalmente, dinamitar fronteiras, e a própria ideia de que precisamos de fronteiras. Dinamitá-las com a consciência de que são um mero artefato de destruição, repressão, ódio e medo. As fronteiras não nos protegem, elas criam o perigo. O próprio fantasma do perigo. Romper a monogamia é gerar novas formas de relação: não multiplicar as mesmas formas, mas destruí-las para criar formas novas de vínculo baseadas na inclusão, no direito e na necessidade de existir, de viver, de pertencer, de construir, de cultivar juntas.

O desafio, para nós que nos definimos poliamorosas, que nos denominamos não-monogâmicas, é elaborar um novo sentido de vínculo e um novo sentido de liberdade que escape das garras do neoliberalismo, que retome a consciência de estar-no-mundo, de mistura, de mestiçagem, da contaminação cruzada como potência de vida. Um sentido de vínculo que reconheça que somos mais fracas sem a presença dessa outra que nos recusamos a pensar como ameaça e que queremos como companheira, com quem aprender e a quem incluir em nossas vidas, em nosso mundo. Essa “outra” que se materializa nos corpos e nas vidas das amantes, das refugiadas, das migrantes.

**Caderno de Leituras n.112**

Abrir amores, fechar fronteiras?

Brigitte Vasallo

**Coordenação editorial** Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

**Coordenação de arte** Luísa Rabello

**Tradução** Fernanda Regaldo

**Revisão da tradução** Luísa Rabello

**Revisão** Clara Delgado

**Projeto gráfico** Rita Davis

Composto em Unb Pro e Arnhem

Edições Chão da Feira

Belo Horizonte, agosto de 2020

Esta e outras publicações da editora estão disponíveis em [www.chaodafeira.com](http://www.chaodafeira.com)

Projeto Caderno de Leituras, nº 0699, aprovado no Edital 2017 oriundo da Política de Fomento à Cultura Municipal (Lei nº 11.010/2016).

Realização

**unibh** ›